

Sobre a guerra¹

Jean Sève²

Tradução Paulo Alves de Lima Filho³

269

Há cerca de vinte anos, quando se ensinava história numa escola secundária no sul de França, poder-se-ia, certamente de forma muito irracional, pensar e ensinar que as chamadas guerras “clássicas” entre Estados que questionam as suas fronteiras e reivindicam novos territórios com armas nas mãos, estavam fadados a... desaparecer. Os números eram claros. No início da década de 2000, o continente europeu, depois da guerra do Kosovo, e fora a zona da ex-Yugoslávia, já não conhecia a guerra e muitos países consideravam reduzir as suas despesas militares (sem desistir de exportar seus produtos). A Ásia ou todo o continente americano eram áreas onde a guerra parecia ter desaparecido, se deixarmos de lado o confronto indo-paquistanês. Os Estados Unidos da América não seriam mais apenas uma superpotência, mas uma hiperpotência, impondo a todo o planeta uma benéfica “pax americana”, bem conhecida em todo o continente americano, sinônimo de abertura de fronteiras ao livre comércio e, portanto, à produção americana e serviços, mais fundamentalmente às chamadas empresas transnacionais (ETN) e ao seu capital. Estávamos no seio de um neoimperialismo que foi coberto pelo termo oficial “globalização”. Além disso, a África do Sul renunciou às armas atômicas. A globalização econômica, sob o patrocínio da Organização Mundial do Comércio, parecia triunfar universalmente. O número de conflitos interestaduais atingiu o nível mais baixo de todos os tempos.

¹ Este Ensaio inédito foi recebido em francês, por email, pelo Professor Paulo Alves de Lima Filho em suas correspondências com o Professor Jean Sève.

² Fundação Gabriel Péri-Paris - França | jean.seve@orange.fr

³ Editor da Revista Fim do Mundo. Coordenador Geral do IBEC. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Mestre em Economia pela Universidade da Amizade dos Povos ‘Patrice Lumumba’ – Moscou – Rússia. | palf1951@gmail.com



Vinte anos mais tarde, ficou claro que esta ilusão de pacificação geral sob a influência benéfica do comércio mundial foi pura e simplesmente ilusória. Limitando-nos ao essencial, em 2022 assistimos à agressão russa contra a Ucrânia - um conflito que inflama todo o continente europeu, com repercussões económicas globais. Na sequência vimos a tentativa israelita, após o ataque do Hamas de 7 de outubro de 2023, de acabar com o povo palestino, julgando-o, sem apelo, como corresponsável pelo conflito e abrindo pela enésima vez o caminho para uma conflagração de toda a região. Além disso, é o conflito sino-americano, particularmente em torno de Taiwan, que se aproxima e, há muito tempo, tempo, vem expandindo-se para um confronto global anti-chinês. Assistimos assim, neste contexto, a um renascimento nunca antes visto (pelo menos na Europa) da corrida armamentista e da produção militar. Os países neutros aderiram à NATO e todos os países do globo são obrigados a tomar uma posição sobre este ou aquele conflito. O mínimo que podemos dizer é que o espectro da "guerra justa" reapareceu. Estamos até falando de "guerra nuclear".

Mas, para além destes conflitos, o que devemos ver, e isto é o que é muito mais grave, é a deterioração geral das relações internacionais em sentido *lato*, incluindo todas as formas de "conflitos civis". A tese que aqui defendo é que o "capitalismo final", confrontado com a sua crise terminal, visível desde a "chamada crise *subprime*" que revela o impasse total do capitalismo financeiro globalizado, fonte de empobrecimento geral, gera, de certa forma, tensões de todos os tipos. O capitalismo e, de forma mais geral, as sociedades de classes - universalmente em crise - geram guerras como as nuvens geram tempestades, parafraseando Jaurès. Desenvolverei aqui o que considero que seja fundamentalmente, através do conflito crescente, uma exasperação histórica da luta de classes.

Conflito crescente? Hoje parece legítimo afirmar que entramos, à escala planetária, numa guerra generalizada, à primeira vista, de todos contra todos. Os confrontos estão por toda parte.

À escala global, com o desaparecimento da OMC, a autoproclamada polícia do comércio internacional, estamos assistindo a uma exacerbação das tensões neoimperialistas, baseadas em empresas claramente localizadas, colocando em xeque, na minha opinião, o emprego do termo "transnacional" para referir-se a elas. A maioria são empresas muito nacionais, americanas ou chinesas, europeias ou dos chamados países emergentes. Aqui vemos um confronto entre o Ocidente e a China que se



manifesta, por exemplo, pela rejeição da empresa chinesa Huawei ou mesmo do TikTok. Vemos também a maioria das empresas russas sancionadas após a agressão contra a Ucrânia. A guerra econômica clássica, filha, dizem-nos, da concorrência saudável no mercado, é semelhante à guerra justa. A ascensão de empresas do “Sul Global” constitui outra fonte de preocupação para as posições ocidentais estabelecidas, sem, no entanto, causar ainda tensões políticas claras, para além de um hipotético confronto Norte-“Sul Global”. Entretanto, podemos ver claramente que o progresso espetacular da inteligência artificial (IA) também está causando grandes tensões geopolíticas aqui. Vivemos de facto, permanentemente, num mundo em guerra econômica, e isto pode (ou não pode (?)) a qualquer momento degenerar em tensões fundamentalmente diferentes. A internacionalização dos fluxos migratórios, consequência lógica da abertura das fronteiras às mercadorias e ao capital, gera outros conflitos nas fronteiras e provoca a morte regular de milhares de indivíduos.

Perante esta apropriação do mundo pelo capital, fundamento da globalização, e perante a submissão dos Estados às suas exigências, perante a formidável objetivação de uma alienação capitalista universalizada, os “povos” recuam para a sua identidade, para as suas fronteiras, e estão tentando recuperar o controle de seu território. Ao empurrar o estrangeiro para fora dos muros, ao afirmar o carácter nativo da população, ao reivindicar o “autogoverno” do território nacional, étnico, religioso ou mesmo local, esta busca lógica pela liberdade abre caminho a conflitos intermináveis, explorados, pela extrema-direita. A humanidade contemporânea mata-se, indefinidamente, para se afirmar.

Ao mesmo tempo, outro resultado possível é que estejamos alimentando máfias cada vez mais internacionalizadas, armadas até os dentes, e a ascensão do poder destas organizações chega ao ponto de ameaçar até mesmo os Estados bem estabelecidos. A guerra civil assume aqui a forma de uma luta fratricida entre aparelhos mafiosos onde o fim é apenas o controle de um território e um tráfico particularmente lucrativo. O perigo de um desvio tão evidente exige, de fato, o uso da força armada como último recurso, mas com quais resultados?

Outro aspecto deste conflito reflete-se nas consequências desastrosas e muito tangíveis da destruição do nosso planeta pelo capital (que deve ser alargada a este crime contra a humanidade que é a exploração do homem pelo homem), conduzindo a terríveis catástrofes, fontes de novos conflitos



em torno da gestão ecológica do nosso planeta. A questão do acolhimento dos refugiados climáticos está a abrir-se.

De um modo mais geral, o apagamento das organizações internacionais, a impotência da ONU, a marginalização da OMC, os esforços louváveis, mas limitados da OIT e a impotência da AIEA validam, de fato, um formidável cada um por si. Entramos num mundo onde o equilíbrio de poder em toda a sua brutalidade constitui o único juiz de paz.

Perante esta crise geral da ordem internacional, perante as consequências trágicas desta vitória ideológica, econômica e histórica do capital, que vê o triunfo de um ultra liberalismo presente em todo o lado, de um capitalismo financeiro desprovido de qualquer complexo e, de fato, sem oposição, desfrutando de disputas eleitorais estereis, vencedor do "socialismo real", o povo está submetido ao insuportável. O empobrecimento explosivo desde a década de 1980 da esmagadora maioria da humanidade, sem alternativa visível porque perdeu o seu propósito; a explosão dramática da consciência de classe, gerada, em parte, pela implosão da "classe trabalhadora"; a promoção em toda parte de um individualismo frenético e estreitamente consumista, geram inexoravelmente, novamente à primeira vista, as sementes de uma guerra civil, tão procurada pela reação. Na verdade, o retraimento identitário acima mencionado conduz a tensões "racialistas" quase universais, por vezes interétnicas, por vezes religiosas, por vezes "sexuais" e, claro, sempre profundamente sociais. Tensões amplamente cultivadas como desvios valiosos da luta de classes pela classe dominante ou pela pequena burguesia.

Mas o que revela, em última análise, este conflito exponencial e fundamentalmente suicida? Uma falência cada vez mais óbvia não só do liberalismo em todas as suas variações, mas ainda mais do capitalismo financeirizado e, ainda mais, da sociedade de classes fundamentalmente baseada na apropriação privada do mundo, daquilo que chamamos, com razão, de meios de produção e troca. Esta crise terminal de um mundo baseado no lucro de curto prazo é objetivada, através destes conflitos, por uma crise gravíssima de trabalho forçado, explorado pelo empregador, de uma crise de laços sociais devido a uma perda de consciência de classe, de uma crise de identidade que abre caminho a todos os becos sem saída. Certamente, como disse Alan Greenspan: "a luta de classes existe e fomos nós, o capital, que a vencemos". O movimento internacional dos



trabalhadores fracassou, mas a luta de classes ainda é, de fato, a chave essencial para explicar o mundo contemporâneo. Porque, quem ainda tem consciência disso, o mundo do trabalho, no sentido amplo, ainda está em luta. Ele não abdicou, longe disso. Ele resiste, opõe-se a todos os golpes ruins, não sem sucesso, mas sobretudo, mais ou menos conscientemente, mais ou menos fora de si, já está construindo o mundo de amanhã. No desenrolar deste novo amanhã e de forma dialética, a própria classe de trabalhadores explorados contribui para o surgimento de novas relações que são claramente pós-capitalistas e pós-classistas, alimenta novas formas de sociabilidade objetivadas por relações que eu descreveria como pré-comunistas, opera uma recomposição social e política à escala global, baseada na afirmação das mulheres que lutam contra o patriarcado, na afirmação das minorias étnicas, abrindo caminho ao nascimento não mais de uma classe, mas da raça humana finalmente consciente de si, desconsiderando todos os limites. É, na minha opinião, o novo proletariado, o último portador da revolução. Certamente, esta visão, no meu sentido objetivo, oblitera outra realidade, mais imediata: estamos claramente caminhando para a catástrofe, para uma exacerbação terminal da luta de classes, através de um conflito fundamentalmente antagônico com o capital, tornando os anteriores ainda mais irrisórios. Estamos caminhando para além da sociedade de classes.

Abril de 2024

